



CASTELLO DE BARBEN.

O castello de Barben, no departamento das Bocas do Rhodano, pertence, desde 1443, a familia de Forbin. Anteriormente, tinha sido propriedade do principe de Lambesc, da casa de Lorena.

Na menoridade de Luiz XIII, os habitantes de Aix rebellaram-se contra o seu soberano. Os insurgentes, sabendo que o senhor de Forbin, logar-tenente general, partira de Barben para ir juntar-se ao exercito do rei que marchava contra elles, foram assediar este castello. Vêem-se ainda sobre uma das torres os buracos das balas que recordam que o sitio foi obstinado e ruinoso. Esta insurreição denominou-se «revolução dos *Cascavéous*» (palavra provençal que significa *guiso*) porque os insurgentes tinham no braçal uns pequenos guisos. Quando a ordem se restabeleceu, o parlamento d'Aix expediu a resolução em que condemnava a cidade d'Aix a reparar o castello de Barben, e a pôl-o no seu primeiro estado. Sirey conta, no seu Repertorio, que só as vigas custaram á cidade d'Aix um preço tão elevado como se fosse obrigada a fazel-as conduzir do monte Libano.

Em 1793, o castello de Barben foi de novo

devastado. O marquez de Forbin o restabeleceu tal como se acha actualmente. Em 1825, o pintor Granet, sendo convidado pelo conde Forbin, director dos museus, a visitar Barben, encontrou ahi, na cosinha da velha habitação, assumpto para um encantador quadro que se via ainda, ha alguns annos, no Palais-Royal, e que e conhecido pelo titulo de *Benção das casas*. Na mesma occasião estavam mais alguns artistas reunidos no castello pelo conde de Forbin, e entre outros Constantino d'Aix.

Esta recordação pacifica contrasta com as antigas tradições do castello, quasi todas sinistras e sangrentas.

#### OS INDIOS PERANTE A NACIONALIDADE BRAZILEIRA. (1)

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO.) (2)

Não falta quem abertamente affirme, ou pelo

(1) Este discurso foi este anno lido em portuguez, como está, em duas sessões da Academia da Historia de Madrid.

(2) O 2.º Tom. da Historia Geral do Brazil, que brevemente sairá á luz.

menos tacitamente creia, que os antigos indios do Brazil são os verdadeiros brasileiros *puritanos*, e os mais legitimos representantes, no passado, da nacionalidade actual. Como não partilhámos taes opiniões; e isto, não por obedecer a prevenções ou caprichos que não abrigamos; mas sim por impulsos de convicções, que a tal respeito se radicam tanto mais em nosso espirito, quanto mais no assumpto meditamos, vamos a apresentar as razões que nos assistem. E se não tivermos a fortuna de levar a convicção ao animo do leitor, e de estabelecer um systema que satisfaça a um tempo, como desejamos, á philosophia, ao direito e á propria historia, nos daremos por mui satisfeitos se conseguirmos justificar-nos de sinceros.

Bem meditadas todas as questões acerca dos indios, quer em relação a elles unicamente, quer com respeito aos colonos, quer á partilha de gloria que lhes deve caber na historia de cada uma das nações americanas, podem ellas redazir-se ás que se comprehendem nos seguintes pontos:

1.º Eram os que percorriam o territorio do Brazil, á chegada dos christãos europeus, os seus legitimos donos?

2.º Viviam, independentemente da falta do ferro e de conhecimento da verdadeira religião, em um estado social invejavel?

3.º Esse estado melhoraria, sem o influxo externo que mandou a Providencia por meio do christianismo?

4.º Havia meio de os reduzir e amansar, sem empregar a coacção pela força?

5.º Houve grandes excessos de abuso nos meios empregados para essas reduções?

6.º Dos tres principaes elementos de povoação, indio, branco e negro, que concorreram ao desenvolvimento de quasi todos os paizes da America, qual predomina hoje no Brazil?

7.º Quando se apresentem discordes ou em travada luta estes tres elementos no passado, qual d'elles devemos suppor representante historico da nacionalidade de hoje?

Occupemo-nos por ordem de cada um d'estes sete pontos:

1.º *Ponto*. Segundo os principios admittidos pelos publicistas, não é possivel reconhecer que os antigos indios do Brazil, pouquissimos proporcionalmente em numero, eram os legitimos donos das terras, que, em vez de habitar, percorriam nomades (1), desfructando d'ellas em quanto não espantavam a caça, ou em quanto com sua primitiva agricultura não haviam, ao cabo de uns quatro annos em que seus *tecupares* ou ranchos haviam apodrecido, causado a terra, cujas matas primitivas ou virgens haviam derrubado. Isto ainda suppondo que não eram d'ellas, como succedia, invasores, como os proprios christãos. Ora que os Tupis nada mais eram do que os ultimos invasores do territorio, hoje brasileiro, o evidenciam as mais antigas tradições que reco-

lhemos (1). — Os Tupinambás da Bahia diziam ter vindo do norte; os do Cabo-Frio e Rio de Janeiro igualmente; e os de S. Vicente reputavam por seus antepassados (*Tapug*) os do districto ao norte, de quem se diziam netos (*Femiminos*).

2.º *Ponto*. Se era invejavel o estado de atraso social em que viviam os antigos Tupis, e vivem ainda esses que, com a nossa pseudo-philantropia, consentimos cruelmente que continuem devorando-se uns aos outros nas selvaticas beiras do Xingu e varios outros dos nossos rios, decida-o com a mão na consciencia o proprio leitor em presença da pintura fiel do estado em que elles se encontraram. Nem se quer mereciam o nome de barbaros: eram *selvagens*, com o que explicamos a condição social a que os philologos, independentemente da significação etymologica, applicam essa palavra. Mantinham a anthropophagia: desfiguravam-se horrivelmente, esbarcando a cara: andavam geralmente nus; experimentavam toda a sorte de privações, passando até por vezes fomes, por excesso de imprevidencia; não castigavam vicios, nem premiavam virtudes; ou antes não reconheciam estas nem aquelles. Tratavam as mulheres como escravas: e eram viciosos *contra naturam*. Suas povoações consistiam em uns poucos de grandes ranchos ou casarões, em que viviam aquartelados, todos juntos, sem que houvesse repartimentos interiores: não usavam de nenhum metal. Empreendiam a guerra por vingança ou por satisfazer outros instinctos, ou os appetites do chefe e senhor despotico, que era o que a si se proclamava tal, por mais valentão, em quanto outro, com alguma sequella, não lhe disputava o logar, perpetuando a guerra civil. Os prisioneiros eram sacrificados em meio de danças e bachanaes. Por outra: viviam (e alguns vivem ainda) no primitivo estado do homem caído e manchado (2); isto é no estado *natural* de familia ou tribo, sem leis preventivas, superiores ás paixões momentaneas, nem penas contra os infractores d'essas leis. Esse estado, que hoje pelos indios conhecemos perfeitamente de vista, tinha sido variamente apreciado pelos philosophos (comprehendendo n'este numero os socialistas e communistas), publicistas e historiadores por erradas abstracções, das quaes, nem que inspiradamente, alguns se desviaram (3). Se percorremos o sagra-

(1) Veja a nossa Hist. Ger. do Brazil, Tom. I, pag. 105.

(2) O peccado original ou queda d'Adão da nossa religião, e a necessidade da redempção foram admittidos pela propria philosophia pagã, segundo provam graves escripturas, com textos de Timeo de Locres, de Platão, de Cicero e de Ovidio.

(3) O celebre Buffon deixou escriptas estas memoraveis palavras: «Cette réunion (trata da sociedade civil) est de l'homme l'ouvrage le meilleur; c'est de sa raison l'usage le plus sage. En effet, il n'est tranquille, il n'est fort, il n'est grand, il ne commande à l'univers, que parce qu'il a su se commander à lui-même, se dompter, se soumettre et s'imposer des lois; l'homme en un mot n'est homme que parce qu'il a su se réunir à l'homme.» Eis como a vida de tribo é pintada pelo publicista Burlamaqui: «Perpétuellement divisés en guerre, les plus fort opprimait le plus faible; ils ne possédaient rien tranquillement, ils ne jouissaient d'aucun repos, et ce qu'il faut surtout remarquer, c'est que tous ces maux étoient principalement

(1) Vattel, Droit des Gens, Liv. 1.º, cap. 7, §. 81.

do texto, foi n'esse regimen de tribu que o innocente Abel pereceu victima da inveja do irmão, que o velho Noé se via escarneado pela familia, e que as filhas de Loth peccaram incestuosamente. Por nossa parte, com toda a energia possível, protestamos que não invejamos viver em meio de uma tal sociedade escrava de sua propria liberdade, e cremos que fôra ingratição e extravagancia, pensando assim, e estando a desfructar nas cidades policiaadas de todos os beneficios da nossa sociedade civil, conspirarmos-nos contra ella, como viciosa e corrompida, para defender a selvageria, com as bellas phrases de Rousseau; que por certo se chega a viver entre os seus predilectos, procedendo logicamente com o que escrevia, e d'elles escapa vivo, sê houvera retractado em suas confissões. — O proprio *direito* natural, que alguns julgam ser o do homem primitivo, não é pelos selvagens reconhecido, nem garantido.

3.º Ponto. Que o estado social dos indios, sem influxo externo, não tendia a melhorar-se, prova-se pelo que entre elles, illados em meio dos bosques dos tributarios do Amazonas, tem succedido ha mais de tres seculos. — Apesar de algumas idéas ou industrias, que poderão ter indirectamente adquirido dos christãos, acham-se como antes, se não peor; como aliás é natural, em vista dos elementos dissolventes de que se compunha a sua sociedade. Se o profundo e engenhoso Vico tivesse conhecido este facto, talvez houvera feito dar um passo mais à philosophia da historia e a do direito. . . Talvez houvesse admittido que a raça humana abandonada a certo grau de barbarie e degradação, n'um ou n'outro districto, pode chegar a exterminar-se e a tragar-se a si propria, como os filhos de Saturno. Argumenta-se que os indios possuíam idéas vagas de religião, quando viam no raio o poder de algum deus Jupiter, e sobretudo quando no respeito aos cadaveres dos amigos e no derrespeito aos dos inimigos, demonstravam crer na immortalidade da alma, e talvez nas penas de algum Averno, quando os corpos houvessem ficado inseputos. Embora! — Isso de nada servia a *moralisal-os*. E sem moral, sem a admissão das virtudes, com a certeza do castigo dos vicios oppostos a ellas, sem a subjeição das paixões do homem solitario em favor do género humano, não ha civilisação possível. E somente do Ceo podem ter baixado os preceitos, revelados aos patriarchas, confirmados no decalogo, e acceitos pelos philosophos e pelos primeiros legisladores, que ensinaram ao homem caído a apro-

veitar-se, em beneficio proprio e dos semelhantes, dos seus instinctos de odio e de vingança, de vaidade e de cubiça, para por meio de leis e penas, e por meio de premios *ideaes*, ou da esperanza d'estes e temor d'aquellas, inverter esses instinctos destructores da humanidade em prol d'ella mesma; subjeitando-os aos limites do heroismo, e da dignidade, inventando a propriedade, e convertendo aquelles em sentimentos elevados em favor da gloria, do patriotismo, e da honra e probidade, ainda antes que o christianismo fosse mais avante pregando a caridade e a abnegação.

Em nosso entender nem Cunhambebe, nem Ambiré houveram jámais pensado em nenhuma formula de virtudes, a menos que lh'a não inspirasse a Providencia Divina, que, aliás dispoz fazel-o por outra forma, enviando os mensageiros christãos; e não pobres pescadores, mas uma poderosa armada, e por conseguinte a força com todo o seu apparatus. E se chegassemos a crer que o tradicional (1) Sumé fôra o apostolo S. Thomé, a cathequese e civilisação pela persuasão havia já sido em vão anteriormente ensaiada pela mesma Providencia Divina.

4.º Ponto. Não hesitamos em asseverar que sem o emprego da força não era, nem é possível reduzir os selvagens; assim como não poderia haver sociedade sem castigos para os delinquentes. Separae do condemnado a força que o contém, e vereis como o instincto da resistencia predominará, ainda tratando-se de um soldado obediente durante vinte annos; e como a vossa justa sentença deixará de ser cumprida. Que succederia pois entre gentes sem anteriores habitos de subjeição e de obediencia, e sem idéas de uma religião que por si mesma é um codigo de moral? — «Ameaçam se vos não temem: intimidadas facilmente as contereis», dizia Tacito (2).

Em primeiro lugar cumpre dizer que o selvagem cercado de outros selvagens, por quem teme ser devorado, como elle os devoraria se podesse, não comprehende a principio que ninguem o busque só para lhe fazer bem (3). Assim dos proprios missionarios são a principio desconfiados a tal ponto que muitas vezes tem estes pago com o martyrio sua confiada caridade. Os proprios Tupiniquins que tão bem hospedaram aos da frota de Cabral, não tiveram n'estes confiança senão depois que appareceram, soltos em terra e ricos de presentes, os primeiros que haviam sido apanhados junto à praia. Porem depois seguiram dias felizes, replicareis. — Não ha duvida: reinou alegria e paz octaviana. Cabral era

causes par cette indépendance même dans laquelle les hommes étaient les uns des autres, qui ne leur laissait aucune sûreté pour l'exercice de leur liberté; ainsi à force d'être libres, ils ne l'étaient point du tout, parce qu'il n'y a plus de liberté, dès que les loix n'en sont plus la règle. — Il y a une immense ignorance (accrocenta Mr. Guizot) de la nature de l'homme et de sa condition à croire que, laissée à elle-même, la liberté humaine va au bien et peut y salire. C'est l'erreur de l'orgueil, erreur qui énerve du même coup l'ordre moral et l'ordre politique, le gouvernement intérieur de l'homme et le gouvernement général de la société.

(1) Vej. Sumé, lenda mytho-religiosa americana, pub no Panorama, n.º 44 de 1855.

(2) «Terrere, ni paveant; ubi pertimuerint, impune contemni», I, 29.

(3) «As viagens (diz J. B. Say), são o verdadeiro archivo de infortunios que dão uma idéa do homem. O viajante se apresenta e é recebido com desconfiança; e é uma fortuna que o não guerreem antes de o conhecer: se logra fazel-os amigos tratam de enganar se», etc. «Onde quer que penetraram narradores (accrocenta Cantú), nos descobrem uma corrupção immensa diffundida pela extraviada descendencia d'Adão»

hospede: entreteve os indios com a cerimonia de erguer a cruz de posse, com as duas missas, com o fazer agua e lenha, com as danças e instrumentos dos seus, com o ruido da artilheria, etc.; e não se propunha sujeital-os e civilisal-os, fazendo-lhes apreciar as virtudes, inclusivamente pelo castigo dos vicios e crimes. Houvesse Cabral, nos dias que em Porto Seguro permaneceu, tido necessidade de castigar um Tupiniquim por algum roubo ou assassinato, e verieis como toda a chusma se houvera levantado em massa, para vingar o que elles creriam insulto feito ao seu parente. — Em quasi todas as nossas colonias a principio passaria o mesmo: na de Duarte Coelho, na de Francisco Pereira, na de Vasco Fernandes. Em todas, como na de Thomé de Sousa, os indios começariam por ser tratados com suavidade, por interessé dos proprios colonisadores em quanto não caíam em si, reconhecendo a impossibilidade de conter muitos homens sem a ameaça do castigo, e por conseguinte sem a coacção pela força; em favor da qual em vista da experiencia se declararam abertamente os pá-dres dominicanos nas colonias hespanholas, os primeiros e mais respeitaveis jesuitas (1) que foram ao Brazil; e até o proprio P. Vieira (2), patrono dos indios, como se declaram os missionarios (3) de nossos dias, e os povos das provincias mais immediatas aos indios selvagens.

«A escravidão e a subordinação são o primeiro passo para a civilização das nações» disse, com admiravel philosophia e coragem, o virtuoso e sabio bispo brasileiro Azeredo Coutinho. Esta verdade foi reconhecida pelos antigos, de modo que só por ella se explica a humilhação dos Parias na Asia, a escravidão dos Ilotas e outros barbaros na Grecia; a clientella ou feudalismo da Roma liberal e da idade media. E tanto a reconhecemos nós mesmos que só por ella podemos explicar o mantermos a escravidão dos nossos africanos (aliás com demasiado severas condições não essenciaes), e até a theoria do nosso direito penal que condemna os criminosos ás galés, que são uma escravidão perpetua com grilhões, ou aos ergastulos e casas de correção, que se reduzem a uma escravidão temporaria, muito mais dura de levar do que quando se anda solto pelas ruas e campos.

E sem nos involver aqui nas debatidas questões de se a guerra é ou não civilisadora, se suavisa o coração dos guerreiros, em vez de os endurecer, se é ou não de influxo divino, temos por sem duvida que em geral ella foi entre os homens um grande meio regenerador. «Assim como o mar, pondera eloquentemente o huma-

(1) Nobrega e Anchieta, Vej. Hist. Ger. do Brazil, Tom. I, pag. 179.

(2) Em C. de 14 de Dezembro de 1655, escripta ao secretario d'estado Pedro Vieira da Silva, diz que Vidal ficava dispondo umas tropas que hão de ir ao sertão, do que esperamos primeiro a quietação e paz, e depois uma grande conversão d'almas.

(3) O italiano Fr. Apolonio de Todi — Vej. vol I, p. 178. — Da mesma opinião era o veneravel bispo do Pará Fr. João de S. José. Vej. ib.

nitario e piedoso Cesar Cantú, que parece creado para separar os povos, os conchega, da mesma forma a tremenda necessidade da guerra effectua a mescla das raças, e concorre para melhorar a sua propria condição.» Assim tem de realisar-se algum dia na Argelia submettida ao civilizador dominio da christianissima França.

Continua.

F. A. DE V.

### UM GRÃO DE AREIA E AS ESTRELLAS.

Os immensos intervallos que separam as estrellas umas das outras servem de theatro a grande numero de phenomenos, e dão passagem a luz, ao calor, e a todos os movimentos ordenados que d'ahi resultam.

Examinando o ceo com attenção, vemos grupos d'estrellas, que não são de certo nem menos vastas nem menos complexas de que o planeta que habitamos, comprehendidos em um estreito espaço, graças á distancia, constituirem systemas dotados de formas determinadas e inteiramente semelhantes aos corpos d'apparencia continua. Entretanto manifestaremos uma especie d'incrédulidade, e não poderemos livrar-nos de surpresa, se nos perguntarem se não é possivel que os atomos d'um grão d'areia tenham entre si guardada a proporção relativa ao proprio valor, tanta distancia como ha entre as estrellas, e porque se não darão, nos intervallos que separam estes atomos uns dos outros, phenomenos tão complicados e maravilhosos como os que tem logar nos espaços celestes.

### ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM ALEMANHA.

A escravidão foi abolida:

No ducado de Bade em.....	1783
No Hohenzollern em.....	1789
No Schleswig e Holstein em.....	1804
Em Nassau, na Baviera, no ducado de Berg, em Erfurth, etc. em..	1808
Na Prussia, em Hesse-Darmstadt, no principado de Lippe-Deltmold, no reino de Westphalia em....	1809
No Schomburg-Lippe, e na Pomerania sueca em.....	1810
Na Austria em.....	1811
No Oldenburgh em.....	1814
No Wurtemberg em.....	1817
No Mecklembourg em.....	1820
Em Saxe, e em Lusace.....	1832
No Hohenzollern-Singmarigen em..	1833

Quando a historia nos apresenta factos sobrenaturaes, só possiveis á omnipotencia divina; é necessario dissecal-os com o escalpello da critica; para não confundir os verdadeiros milagres com os erros da credulidade, ou com os inventos da impostura



PALACIO DE INVERNO EM S. PETERSBOURG.

O mais importante, se não é o mais bello palacio de S. Petersbourg, é o imperial denominado palacio de inverno, que teve em sua origem este nome para o distinguirem do palacio de verão que o imperador Paulo mandou demolir para erigir no mesmo chão o palacio Miguel; e assim aquelle ficou com o sobredito nome, posto que já não exista o de verão.

O actual palacio d'inverno não tem mais de dezoito annos, porque em 1837 um incendio devorou em poucas horas o antigo, o qual fôra edificado no reinado de Elizabeth pelo italiano Rastrelli, e diz-se que era tamanho que seis mil pessoas o habitavam; o intendente em chefe da casa imperial, não obstante estar no exercicio de seu cargo havia mais de doze horas, ainda não conhecia todos os aposentos e escaninhos d'aquelle verdadeiro labyrintho; oitenta mil operarios trabalharam em tão immensa habitação, que os seus regios possuidores não cessaram de aformosear e enriquecer por espaço de oitenta annos; talvez nunca se accumulassem tantos objectos preciosos no mesmo edificio, e o fogo destruiu tudo n'uma noite. Este desastre incutiu profunda dôr em toda a capital; parecia que todos tinham perdido suas proprias casas destruida a do imperador; os mais ricos fidalgos e proprietarios, o corpo do commercio, muitos particulares offereceram quantiosas sommas para a reedificação; mas o imperador, não accitando tão generosos offerecimentos, fez reconstruir o palacio, e com tanta actividade, que ao findar um anno, no dia correspondente ao do incendio, o czar recebia a sua côrte n'um palacio inteiramente novo.

O actual palacio de inverno é um vasto parallelogrammo de quatro frontarias com cento e cincoenta metros de extensão por cento e quinze de largura. Comparado com as outras residencias reaes da Europa, é com o palacio de Madrid que tem mais similhança; a mesma forma geral, um quadrilongo, quatro fachadas, dois andares, e de columnas sobrepostas, um pateo interior, nenhum jardim. Muito mais espaçoso o de S. Petersbourg é de tijolos, e o de Madrid de granito e marmore; mas o palacio de Madrid deita para o humilde Manzanares e o de S. Petersbourg para o orgulhoso Neva, e ainda mais este ultimo compensa a inferioridade do seu material pela magnificencia inaudita de seus aposentos e salas interiores. A grande escadaria de marmore incrustado de ouro, a *sala branca*, de estuque, e onde se dão banquetes de oitocentas cobertas, a *sala de S. Jorge*, igualmente vasta e toda de marmore de Carrara, nada tem que invejar ainda mesmo ás prodigalidades de Luiz XIV de França. N'este edificio sumptuoso reside o czar oito mezes do anno.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.<sup>mo</sup> SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Continuação.

D. Affonso, segundo do segundo par d'elles,

logo no principio do seu reinado recebeu de um ministro sobre *dois* CC (Cintra e caça) uma lição que de certo não a tivera melhor em Coimbra na escola que lhe fundou seu pae. No verdor dos annos, amando com paixão a caça, não só esquecia nas mattas de Cintra os negocios importantes do estado, senão que, chegou a esquecer-os no meio dos proprios conselhos. Aqui, certo ministro respondendo-lhe com a severa censura a **uma narração circumstanciada de uma caçada. terminou com estas palavras: Se vossa alteza quer acudir ás necessidades dos seus povos, e emendar os abusos, terá vassallos humildes e obedientes; senão. . .** — El-rei perguntando colerico e prompto: **senão o que?** — Elles buscarão outro rei, replicou o ministro no mesmo tom. Foi grande o vassallo, que ouviu: mas o rei mostrou-se muito maior, quando, caindo em si, confessou o erro, e se emendou.

Affonso IV e Affonso Sanches, *dois* Affonsos, *dois* irmãos estão em guerra: Sanches desbarata o Mestre d'Aviz, mandado contra elle; e faz as pazes a rainha Santa Isabel.

Mencionam n'este reinado *dois* casamentos feitos, e *dois* desfeitos. D. Beatriz, mulher de D. Affonso IV, faz com que Affonso XI de Leão desfaça seu casamento com D. Constança, filha de D. João Manuel, afim de receber D. Maria, sua filha: desmancha-se o casamento de D. Pedro, principê herdeiro de Portugal, com D. Branca filha de outro D. Pedro infante de Castella, e vem a casar o primeiro d'estes Pedros com D. Constança antes mencionada; sendo este *segundo* casamento concluido em Julho de 1340 pelo tratado de Santarem, depois de *duas* meias duzias d'annos, que se passaram em guerras ateadas pelo primeiro. D. Affonso IV em virtude d'este tratado achava-se na batalha de Tarifa ou Salado aos 30 de Outubro de 1340.

Camões suppõe que D. Affonso XI manda sua esposa D. Maria rogar a seu pae D. Affonso IV de Portugal que socorra seu marido contra o exercito do rei de Marrocos; por isso diz:

Pedindo ajuda ao forte Lusitano  
Lhe mandava a carissima consorte  
Mulher de quem a manda e filha amada  
D'aquelle a cujo reino foi mandada.

Entrava a formosissima Maria  
Pelos paternaes paços sublimados  
Lindo o gesto mas fora de alegria.  
E seus olhos em lagrimas banhados:  
Os cabellos angelicos trazia  
Pelos eburneos hombros espathados etc.

Foi ferida a batalha do Salado, faltando *dois* dias para terminar o mez, e *dois* mezes para terminar o anno de 1340, a que faltam *duas* vezes tantas dezenas para completar o seculo, quantas mostra o *segundo* algarismo do mesmo numero.

Fallecendo Affonso IV, ficaram reinando simultaneamente na peninsula *dois* reis *ambos* Pedros,

*ambos* com igual epitheto; em Hespanha D. Pedro cruel, em Portugal D. Pedro crú. A este crú chamam tambem justiceiro, e conta-se d'elle, para justificar-lhe o titulo, a historia do *pedreiro*, por quem mandou matar o clerigo. D. Pedro cruel, depois de desenthronizado por Henrique, conde de Transtamara, vinha trazer a Portugal sua filha, para casal-a com D. Fernando, como tinha sido ajustado, mas este não a quiz receber.

*Dois* operarios, em *dois* reinados successivos, se tornam conspicuos: no de D. Pedro, um *pedreiro* justifica o epitheto que teve seu soberano de justiceiro; no de D. Fernando, successor d'este, um *alfayate* por nome Fernão Vasques (*Fernando e Fernão*) lhe amotina o povo por motivo do seu casamento com Leonor Telles. D. Fernando retira-se a Santarem, faz justicar o *alfayate*; e acreditando na tranquillidade do povo, vae ao Minho celebrar publicamente suas nupcias.

D. Fernando rei de Portugal, e João duque de Lancastre, filho de Duarte III rei d'Inglaterra, foram *ambos* pretendentes a corôa de Henrique *segundo* rei de Castella: o duque João por direitos de sua mulher, D. Constança, filha mais velha de D. Pedro, o cruel. Por Diogo Lopes Pacheco, que mandou a Lisboa, e pelo infante D. Diniz que se retirara de Portugal, soube Henrique as circumstancias d'este reino, e mandou a elle seu filho D. Affonso, com tropas, a invadir-o por uma parte, em quanto elle entrava pela outra. D. Affonso chegou até Cascaes; D. Henrique, até Lisboa; mas fez-se a paz, por intervenção do nuncio do papa. Findou tudo com *dois* casamentos: o infante de Castella D. Sancho, com a infanta de Portugal D. Beatriz; promettendo D. Fernando sua filha a D. Affonso, conde de Gijon, filho bastardo de Henrique, 1373. Mas como fallecesse D. Sancho, propoz D. Henrique seu filho natural D. Henrique para casar com a princeza de Portugal D. Beatriz; o que foi approved pelas côrtes de Leiria.

Depois de *dois* casamentos, temos *dois* namorados. O infante D. João, irmão de D. Fernando, namora-se de D. Maria Telles, viuva de D. Alvaro Dias de Sousa, e irmã da rainha. Tramou esta uma intriga, cujo desfecho foi matar o infante aquella com quem por seu empenho casara, e retirar-se para Hespanha por evitar a vingança de seu cunhado, e a espada do Mestre d'Aviz que tambem procurava feril-o.

Falleceu D. Fernando em Santarem a 22 de Outubro, faltavam *dois* mezes para chegar ao fim do anno de 1384, tendo 44 de idade e havendo reinado 16 (4 vezes 4). Na *segunda* guerra que teve com os castelhanos creou *dois* grandes cargos: o de condestavel, que deu a Alvaro Pires de Castro; e o de marechal, que contiou a D. Fernando Coutinho.

No anno 1422 em que D. João primeiro mudou as datas de Augusto em datas do Nascimento de Christo, fez de *dois* infantes *dois* duques: D. Henrique, duque de Vizeu; D. Pedro, duque

de Coimbra; isto, para preñial-os de como se tinham havido na conquista de Ceuta.

Ao infante D. Henrique devemos ligar dois factos notaveis, a descoberta da ilha da Madeira, e a fundação de Sagres.

**Duas Leonores em Alemquer.** Chegando o povo a declarar-se em favor do Mestre d'Aviz, e morto o conde de Andeiro, retirou-se Leonor Telles a Alemquer. Para este mesmo retiro se recolheu D. Leonor, esposa de D. Duarte, quando se viu na necessidade de entregar seu filho ao regente D. Pedro, a quem o povo obrigara a tornar para Lisboa, d'onde se havia apartado por desgostos que lhe dera o partido da rainha. A primeira Leonor falleceu encerrada em Castella por haver tramado uma conjuração contra a vida do monarcha; a segunda, tambem ali morreu, envenenada por D. Alvaro de Luna, havendo empenhado, para fazer guerra a Portugal, as joias que levava d'este reino.

**Duas metades.** Aos ministros que entendiam ser coptraria ao commercio a lei de D. João II, que sómente ás mulheres permittia trazerem seda, oiro, prata, e pedrarias, respondeu este monarcha: vós enganais-vós; porque basta que metade dos meus vassallos se trate com luxo, para a outra metade ter que fazer.

Durante a regencia de D. Pedro foram tratados dois casamentos. Esposou sua filha com D. Affonso V; e, mandando soccorros ao rei de Castella, capitaneados por seu filho D. Pedro a quem fizera condestavel, por morte de D. João seu tio, contratou D. Alvaro de Luna, entre si e o condestavel o casamento do rei de Castella com D. Isabel filha do infante D. João de Portugal: o que tudo depois confirmou o regente.

A esposa d'este Affonso seguinte a dois pares d'elles, falleceu em Evora aos dois do segundo mez do ultimo par d'elles em 1455; numero em que vem duas vezes o algarismo 5, sendo 14, valor de 2 vezes 5 mais 2 vezes 2. Suppõe-se que foi envenenada pelos inimigos de seu pae. Enterraram-na junto a elle no convento da Batalha; e para ali mandou D. Affonso vir tambem de Castella o corpo de D. Leonor.

**Mais duas expedições á Africa por D. Affonso V.** A segunda empresa de Tanger teve logar em 7 de Novembro (9) de 1463 (9 vezes 7 e 2 vezes 7). Foi D. Affonso V acompanhado de seu irmão D. Fernando, duque de Vizeu; de D. Pedro, condestavel, duque de Coimbra, filho do conde de Vianna que lá ficou morto, por querer livrar o rei de ser feito prisioneiro. Depois d'esta empresa mallograda de Tanger, o condestavel D. Pedro, é convidado pelos catalães para seu rei; passa por muitos trabalhos; e morre. Foi nomeado em seu logar, condestavel, D. Fernando, duque de Vizeu. Este infante commanda a outra expedição de Tanger, e toma Anafé, vindo a fallecer no anno seguinte 1470 aos 18 de Setembro; isto é, a 2 vezes 9 dias de Setembro, sete annos depois da anterior expedição que foi em 1463.

Queixoso o duque de Bragança de que D. João II tivesse quebrado certos privilegios da nobreza, e continuando, depois de reprehendido pelo soberano, em suas intelligencias de conspiração, com Castella, é mandado prender; processado em Evora, e ali publicamente degolado. O marquez de Montemor, e o conde Faro foram tambem declarados traidores, e tiveram confiscados seus bens. De outro duque (o de Vizeu), tempos depois, soube D. João II, em Santarem, pelo irmão de certa dama, com quem o bispo de Evora tratava amores, que conjurava contra sua vida; e, mandando-o chamar a Setúbal, tomando-o á parte, como para communicar-lhe certo negocio, fallando-lhe da conjuração, o estendeu morto a seus pés, com uma punhalada. Este duque de Vizeu era irmão da rainha, esposa do mesmo D. João II.

Continua.

#### RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXXVIII.

De como ordenou o marquez mandar tomar a ilha do Faial, e as mais.

Estava na ilha do Faial por capitão mor um mancebo solteiro, por nome Antonio Telles, fidalgo e bem creado, e na ilha de S. Jorge um João Velho, por capitão-mór. Nesta cidade estava um Gonçalo Pereira, homem nobre da ilha do Faial, que tinha habito de Christo do Sr. D. Antonio, e Gaspar Gonçalves de Utra, que dantes fora capitão-mór da dita ilha do Faial, e estes dois homens, como eram possantes de bens temporaes, e os mais poderosos da dita ilha, e aparentados, diceram ao marquez, que elles queriam ir na armada que fosse ao Faial, e que se atreviam sem guerra fazerem entregar a ilha, e o Faial entregue nas outras não havia que fazer. Agradeceu-lhes muito o marquez, e lhes prometteu de lhes fazer mercês. Mandou o marquez ir todas as galés, que eram dez, e muitas caravelas pequenas, e mandou metter tres mil soldados, e foram ao Faial logo direitos, mandaram a terra dizer que a Terceira estava entregue, e que de todo tinha já dado obediencia a el-rei D. Philippe, e que o tinham já jurado por rei, que se entregassem sem guerra. Não o queriam crer: diceram, que não, que haviam pelear. Quando o capitão-mór, que ia por general da armada, viu a contumacia, e pouco aviso da gente, mandou botar em uma barquinha o dito Gonçalo Pereira, e Gaspar Gonçalves de Utra, e os mandou botar em terra, em uma ponta onde não apparecia gente, para irem por terra a os desenganar. A gente vendo da terra ir a barquinha, foram-se lá alguns homens de pouco respeito, e em pondo os pés na arêa o Gonçalo Pereira elles

o passaram a estocadas e o mataram; e estando Gaspar Gonçalves d'Utra em pé para saltar após elle, se reteve e não saltou, porque tivera a mesma desgraçada sorte. Vendo o capitão-mór da armada e gente os desatinos botou logo tres mil soldados em terra, que para isso levava, e tiveram escaramuça, mas como a gente estava della de um parecer, e della de outro, facilmente foi a terra tomada e rendida, com alguma morte de gente, mas não muita, e os portuguezes se retiraram ao morro. O capitão-mór foi tomado, o qual foi em ajuda da morte de Gonçalo Pereira, e lhe cortaram a mão direita, e o enforcaram, podendo elle entregar a ilha sem guerra, e ainda o marquez lhe fizera mercês, que poder trazia para tudo. Depois da ilha de todo rendida e tomada, as mais ilhas se entregaram logo, e deram á obediencia, e levantaram por rei a D. Philippe, e não houve guerra em nenhuma das outras ilhas, que eram a ilha de S. Jorge, do Pico, Graciosa, Flores, e ilheo do Corvo.

## LXXXIX

De como foi preso e tomado Manuel da Silva

Como Manuel da Silva estava odioso com a gente da ilha pelo estado em que a poz, e não era della embarcado, não podia escapar, porque os que estavam saqueados, e as mulheres viúvas, e os maridos de outros presos para os matarem, e outros para desterrarem, toda a ilha, e as mais estavam contra elle, desejando de o tomarem para o entregarem á prisão. Sendo elle assim bem buscado pela ilha mudou os vestidos e se vestiu á castelhana, e se metteu entre os soldados fallando castelhano; determinando de se metter desta maneira na armada por soldado dos que nella vinham. E vindo assim fallando com um capitão e soldados que o buscavam, e o traziam comsigo, perguntando a todos por elle, e elle lhe ajudava a perguntar, detendo o capitão té entrar de noute na cidade, para não ser visto da gente della, porque vendo portuguez buscava fingimento para não olhar para elle direito, encontrou o capitão uns soldados, que traziam cativa uma mulata, e se poz a fallar com elles, dizendo, que tinha já gastado dois dias em buscar o conde sem o achar. A mulata conheceu-o logo, e elle que a via olhar para elle e sorrir-se; temorisado della punha as mãos nos beiços, que calasse. Comtudo, como a mulata viu a occasião que lhe succedia para ser forra, e a empresa de que estava senhora, temendo-se que outrem o descobrisse e ella ficasse perdendo seu interesse, chamou o capitão de parte, e lhe dice: *V. m. que me fará se eu hoje lhe der o conde Manuel da Silva preso, porque bem sabe o marquez o que tem promettido a quem o der.* O capitão não suspeitou que elle ia na companhia; ficou alvoroçado e contente; dice á mulata: *Se tu isso fazes eu te prometto liberdade, e te dou minha palavra, e alem disso te darei dinheiro para remediares tua vida.* Tomou-lhe a mulata

a mão e foi a pegar pela aba da roupeta a Manuel da Silva, e disse: *Capitão, vedes aqui o conde Manuel da Silva!* Elle ficou morto e enfiado. Desceu-se logo o capitão do cavallo, tirou o chapeo, e com muita cortezia dice: *Vossa Senhoria esteja preso.* E mandou aos soldados que se descubrissem: todos ficaram como pasmados. Dice Manuel da Silva á mulata: *Se tu me tiveras segredo o que se te offerece dobrado to houvera de dar.* Dice a mulata: *Sr. conde, bem lancei eu em mim toda essa conta, mas vossa excellencia houvera de ser descoberto por outros, e não houvera de escapar, porque a gente da terra está mais imigu delle que os soldados castelhanos, e eu perdia a occasião de minha liberdade, e vossa excellencia me perdoe.* Dice o capitão: *Vossa senhoria ha de subir no cavallo, porque eu hei de ir a pé por seu estribeiro, que é honra que recebo, e me tenho por mais ditoso, e venturoso de quantos capitães vem nesta armada.* A mulata fallava-lhe por excellencia, porque sabia que assim lhe fallavam d'antes. Dice Manuel da Silva: *Iremos ambos a pé, e um soldado levará o cavallo pelo freio:* e como havia passar por mattos e ligeiramente podia o ditto Manuel da Silva transmontar-se por elles, não quiz o capitão, mas não lhe deu isso a entender, e lhe dice: *Antes com licença de vossa senhoria eu irei nas ancas.* Manuel da Silva por todos os modos o entendia, porque era bom homem de cavallo, e melhor escapuliria nelle; dice: *Sr. capitão bem entendo a V. m. Faz muito bem de não pôr em risco de lhe fugir a empresa. Nenhum agravo V. m. faz em segurar o preso, mas só de uma cousa me espanto. O marquez tanto desejou de me prender, eu o mereço, porque elle não ganhou a Terceira, eu lha dei.* Dice o capitão: *Pois vossa senhoria porque a não dava sem guerra e pacificamente e não por outra ordem? — Porque (lhe respondeu) me não attrevi com o povo que recetti de se alvoroçarem contra mim, como fizeram com um fidalgo chamado João de Bettencourt; e notorio é eu entregal-a agora, de que estão os moradores da ilha contra mim, que todos tenho por inimigos, e não achei quem me tivesse segredo para estar escondido, antes me buscavam.* A cavallo veio té á cidade, e o capitão nas ancas, e os soldados ao redor desbarretados, e deante vieram alguns dizel-o ao marquez, e mais foi a festa dos moradores da ilha que dos castelhanos, e foi outro cavallo para o capitão. E como vieram dentro das guardas se desceu o capitão das ancas e tomou outro cavallo, e na entrada da cidade começaram as mulheres a clamar contra elle, dizendo, que a rasto o haviam levar, que era um judeu, que botou a ilha a longe, e fez todos os males. Ouvindo elle isto dice: *Tragam-me cá aquellas chocalheiras.* Foram alguns soldados apoz ellas: esconderam-se. Elle vinha muito seguro, e com bom doairo. E a clamação contra elle grande, e cedo o pagou o desgraçado Manuel da Silva, e logo foi mettido em uma galeota.

Continua.